

CARLOS COQUEIJO

Antonio Olinto

A morte de **Carlos Coqueijo**, ministro da Justiça do Trabalho, mas também escritor, compositor, humanista, abalou seus amigos. Os Jorge Amado, os Caymmi, os Medauar, os Celestino, os que, na Bahia e em Brasília, no Rio e em Londres, em São Paulo e Paris, o tinham como ponto de referência para um sem-número de assuntos generosos, sentiram forte o golpe. Na última vez em que o vi, em minha casa do Rio, ele e Aydil tinham a alegria de viver que sempre foi a marca do casal. Falamos de Jorge Amado e Zélia, então na China, de literatura, de música, de bichos. Ninguém os amou tão largamente. Poderia ter escrito um livro, que ficaria na literatura brasileira, sobre seu franciscano sentimento de amor aos animais. Se não o escreveu, explica-se: é que sua arte maior foi viver. Viver profundamente. Integralmente. Alegrementemente. Seus colegas do Tribunal Superior do Trabalho, em Brasília, onde era um juiz de completa e simples integridade, que o digam. Poderão também dizê-lo os compositores e escritores que tratam com ele.

A morte de Coqueijo nos leva de novo à constatação do mau estado e necessidade imediata de renovação em que se acham nossos hospitais. Se é verdade que sua morte se deveu a infecção hospitalar, desde o 14 de março de 1985, quando Tancredo Neves foi levado a um hospital, sabemos do nível inadequado a que chegamos no setor. O problema é do Governo, mas também nosso. Temos — todos e cada um — de participar de uma luta geral para melhorar a infra-estrutura — instrumental e humana — dos hospitais brasileiros em que tantos médicos(as) e enfermeiros(as) realizam, apesar de falhas realmente grandes, um trabalho que evita males que poderiam ser bem maiores.

Desejo dar as palavras que Zora escreveu, assim que a notícia nos pegou, para Aydil: "Deitado na Bahia, sua terra, o compositor **Coqueijo** está mudo e quieto. Mais branco, mais magro, o compositor **Coqueijo** não toca, não fala, não ouve. O que será, de Aydil, tua mulher de tanto amor? O que será de Aparecida, o papagalo que vinha comer no teu prato? E os outros bichos que te rodeavam no apartamento de Brasília? O que será deles? **Coqueijo** chamava, os papagaios saíam dos poleiros e pousavam no cocuruto da cabeça dele e assim, homem-es-cultura-com-pássaros, ele conversava coisas sérias, falava de literatura e de leis, do Brasil e do mundo. Como dói, meu Deus, a notícia da morte de um amigo. O livro de seus discursos, as letras de suas músicas, as sentenças do juiz, que serão publicados, manterão sua presença, mas nada afasta a saudade triste que Antonio e eu dele guardamos".